

4

**Botafogo e Laranjeiras:
Pai e filho constroem seus Palacetes**

Sempre, em cada período arquitetônico, existe um edifício-tipo que predomina sobre todos os outros e a atenção que lhe dirige a clientela mais importante influencia todos os projetos da época. Na Grécia antiga o edifício-tipo era o templo, na Europa medieval, a igreja e na Europa do Renascimento, o palácio. Depois de 1750, o edifício-tipo desaparece porque, inesperadamente, difundem-se uma multiplicidade de edifícios tipo, um fenômeno destinado a se tornar característico da época moderna. Depois de 1750, se quisermos admitir que o edifício-tipo continue a existir e a influenciar a teoria geral da arquitetura, esse foi a vila. Na sua *Enciclopédia da Arquitetura de Vilas, Viletas e Fazendas*, J. C. Loudon a definiu como uma “*residência de campo com jardim*”. Todavia, uma vila não era somente isto. Desde quando escolhida como tipo de habitação dos novos comerciantes e industriais improvisamente ricos, a vila passa a ser o meio para exprimir arquitetonicamente as maiores aspirações do tempo: tanto que Loudon afirmou que a vila foi o meio para somar ao conforto “*o prazer de expor o gosto e o bem estar*”.

Desta forma Peter Collins abre o capítulo dedicado ao Pitoresco do seu *Changing ideals in modern architecture*,¹⁰⁷ e que bem pode servir de preâmbulo aos dois palacetes construídos por Eduardo Palassin Guinle e por seu primogênito Eduardo Guinle, quase contemporaneamente, na primeira década do noventa. Apesar do termo *vila* não ter sido muito empregado entre nós, não há a menor dúvida que a tipologia acima descrita refere-se aos nossos *palacetes*, termo mais comum à cultura urbana brasileira.

Assim sendo, ao mesmo tempo em que colocava em pé os sete edifícios da Avenida Central, Eduardo Palassin Guinle construía para si o palacete na Rua São Clemente, nº 213, em Botafogo. Esse bairro e o das Laranjeiras, ao longo de toda a segunda metade do Oitocentos vinha sendo progressivamente ocupado tanto por uma população anônima quanto pelas classes de maior poder aquisitivo de origem aristocrática ou proveniente da ascendente burguesia republicana e mesmo diplomatas, todos movidos pelo igual anseio de melhores condições de habitabilidade, na medida em que o velho centro da cidade se via pressionado e de alguma forma saturado pelo

¹⁰⁷ Ib., 2, pág. 45.

crescente aumento populacional, ao lado do desleixo e da sujeira. É verdade que antes de chegar à enseada de Botafogo ou ocupar a parte elevada do vale das Laranjeiras a cidade na sua marcha ininterrupta e inexorável por novas áreas virgens e disponíveis — a Barra da Tijuca é um exemplo cabal que o fenômeno é ainda atual e vivíssimo — havia ocupado, extensivamente, desde o início do oitocentos, a Glória, o Catete e o Flamengo, no tocante unicamente ao crescimento da Zona Sul da cidade. Outro fator que propiciou a rápida ocupação desses e de outros bairros relativamente distantes do centro foi a implantação das primeiras linhas de bonde movidos a tração animal, a partir de 1868, e antes de 1900, eletrificadas. Com relação a Botafogo, Noronha Santos menciona inclusive um serviço de barcos a vapor entre a praia de Botafogo e o Santo Cristo e outra à Ponta do Caju, isso em meados de do oitocentos.¹⁰⁸ Ainda este autor, no contexto da rivalidade entre São Cristóvão e Botafogo como bairros residenciais das classes mais privilegiadas da cidade, e a preferência afinal conquistada por Botafogo, antes inclusive da proclamação da República afirma ser este

o mais procurado pela aristocracia estrangeira ou pela alta burocracia brasileira para moradia. Representantes do corpo diplomático, capitalistas, titulares, enfim quase todos que (possuíam) fortuna, ou que (tinham) recursos, (residiam) no elegante bairro carioca, em confortáveis edifícios.¹⁰⁹

Mauricio de Abreu, no seu essencial trabalho sobre a evolução urbana do Rio, mesmo restringindo a questão, cita um outro fator importante para a supremacia de Botafogo sobre São Cristóvão:

“Mas o mais importante — e com efeitos não apenas em São Cristóvão, mas sobre toda a cidade — foi, sem dúvida, a difusão da ideologia que associava o estilo de vida “moderno” à localização residencial à beira mar. Atrás desse movimento estavam as mais variadas unidades do capital, destacando-se aí a Companhia Jardim Botânico, interessada em estender o território sobre o qual tinha o monopólio de transporte”.¹¹⁰

O melhor conjunto de imagens que apresentam o que era Botafogo entre o oitocentos e o novecentos é sem dúvida a coleção de fotografias captadas por Marc Ferrez. O Rio de Janeiro, que no episódio da construção da Avenida Central

¹⁰⁸ Abreu, Mauricio de A., **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997 (1987), pág 41.

¹⁰⁹ *Ib.*, 108, págs. 45 e 47.

¹¹⁰ *Ib.*, 108, pág.47.

contaria com o seu magistral registro fotográfico, aqui, no contexto do desenvolvimento em direção à zona sul, mais uma vez terá que acertar as contas com essa figura gigantesca que foi Ferrez, carioca nascido em 1843. Sua obra fotográfica é referência obrigatória para o conhecimento da cidade deste período, principalmente através d'*O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez, paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918*, editado por seu sobrinho Gilberto Ferrez, em 1984.¹¹¹ Através das imagens de Ferrez podemos visualizar a feição de Botafogo desta época, tanto por uma sensibilização atmosférica, pela concreção da arquitetura e da paisagem, como para nortear e dimensionar a densidade formal da ocupação urbana já construída às vésperas da virada do século. Neste sentido podemos observar que o contorno da Praia de Botafogo, no registro de 1893, é praticamente todo edificado, caracterizadamente residencial, com alguns palacetes neoclássicos notáveis e aonde já desponta a agulha neogótica da igreja da Imaculada Conceição (1888-1892).

Nada mais natural, portanto, que Eduardo Palassin Guinle, que inclusive nesta altura morava como inquilino na Rua Dona Mariana, tendo em torno a cinqüenta anos de idade, proeminente posição social e uma das maiores fortunas do país, resolvesse construir na então aristocrática Botafogo sua residência particular. E assim o fez, na primeira década do novecentos, o palacete ainda hoje existente no nº213 da Rua São Clemente, imóvel que apesar do parecer favorável de Lucio Costa visando seu tombamento federal, mantém-se independente de qualquer tutela oficial. A descrição da residência no sucinto parecer de Lucio Costa é a seguinte:

Considerando que o prédio 213 da Rua São Clemente é o derradeiro exemplar de mansão, com teor aristocrático, no eclético estilo francês *beaux-arts*, arquitetura que marcou o início do século carioca;

Considerando que a demolição de prédio seria uma lamentável perda para o visual da cidade já tão empobrecida de lembranças;

Considerando que, no país, não há outro exemplo tão apurado dessa arquitetura eclética *erudita*;

Proponho o urgente tombamento do conjunto, - *casa e jardim*.¹¹²

Apesar de controvérsias tudo indica que o autor do projeto seja Armando Carlos da Silva Telles, talvez com a colaboração de Arquimedes Memória, ou mesmo do francês Joseph Gire, num momento posterior. O fato é que nesta residência nasceram seus filhos Carlos, Arnaldo, Luis, falecido

¹¹¹ Ferrez, Gilberto, **O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez** Paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro 1865-1918, João Fortes Engenharia/Editora Ex Libris, 1984, São Paulo.

¹¹² *Ib.*, 22, pág. 291.

na infância, Otávio, Celina e Heloísa, enquanto que na Rua D. Mariana veio à luz Guilherme, o terceiro filho do casal. Antes de Guilherme, Eduardo Palassin e Guilhermina Coutinho Guinle tiveram dois filhos, Eulália, falecida aos dez anos de idade e Eduardo. A propósito, uma curiosidade em relação aos lugares de moradia, que bem denotam a incrível ascensão material da família é a informação, colhida de Eugenio Gudin, em 1979, por Geraldo Mendes de Barros, biógrafo de Guilherme Guinle, que antes de morar na casa alugada da aristocrática Rua Dona Mariana, Eduardo Palassin, já casado, residira no sobrado da própria loja, na Rua da Quitanda, centro do Rio, onde inclusive nasceu o filho primogênito Eduardo.¹¹³

Diante da evidente incoerência entre as datas atribuídas ao projeto e edificação do palacete, entorno ao 1900, se confrontada com as dos filhos que nele nasceram, segundo Geraldo de Barros – Otávio, o caçula é de 1886 – é de se presumir que Eduardo e Guilhermina já habitassem na chácara onde no início do século XX foi edificada a residência. O arquiteto e historiador Jorge Hue afirma inclusive que parte do Palacete seria resultado da reforma de construção já existente e que o novo projeto se restringiria ao corpo próximo à rua São Clemente, de fato historicista e extrovertidamente Luiz XVI, se comparado com a fachada mais contida, voltada para a Rua Guilhermina Guinle.

A casa, circundada por jardins à inglesa, ^{F5} apesar de ampla não é desmedida, levando-se em conta a prole e o status do proprietário, adequando-se aos modelos de conforto da burguesia ascendente, e reproduzindo um padrão estilístico bastante difundido nas residências alto burguesas do período, tanto no Rio como em São Paulo. Sejam em estilo francês, mais empregado no Rio,¹¹⁴ alemão ou italiano, o que estes palacetes têm em comum é a decidida intenção de diferenciação e destaque, via matrizes européias, dos modos tradicionais portugueses, da *casa grande*, do vocabulário corriqueiro da arquitetura urbana tradicional, mesmo que de seus desdobramentos mais nobres e imponentes. E aqui cabe bem citar o trecho do historiador Ricardo Benzaquem, de seu trabalho sobre Gilberto Freire:



^{F5} Armando da Silva Telles, Palacete de Eduardo Palassin Guinle, Rua São Clemente, 213,

¹¹³ Ib. 55, págs 5 e 21

¹¹⁴ Entre as residências com características arquitetônicas próximas ao palacete da Rua São Clemente, deste mesmo período histórico, ainda existentes na cidade, e que compõe um conjunto representativo do estilo francês, podemos citar a residência na praia de Botafogo, 530, já no morro do Pasmado, projeto de Oscar de Almeida Pereira, de 1913, a antiga residência Eduardo Otto Theiler na Av, Oswaldo Cruz, 4, de Heitor de Melo, projetada em 1912, assim como o Palácio das Laranjeiras, construído para Eduardo Guinle, em c.1910, projeto de Armando Silva Telles.

A prática dessa estetização, aliás, é analisada em **Sobrados e Mocambos** sob um duplo aspecto; no primeiro, enfatiza-se a verdadeira obsessão com as *aparências*, com o “viver nos olhos dos outros”, isto é, com a importância que se dá à opinião dos pares acerca de si mesmo, típica das sociedades de Corte, que aqui se instaurou na esteira da reeuropeização. Esta obsessão transforma a sociedade brasileira, “a boa sociedade”, bem entendido, em um verdadeiro teatro, onde cada ator é também um espectador, e todos se esforçam por demonstrar sua perfeita adequação àqueles modelos importados. É justamente por esse caminho, a propósito, que se pode explicar a extrema velocidade e amplitude dessa reconquista, “num Brasil que procurava fugir às tontas do mau gosto português e das coisas feitas em casa e por mão de negro, para agarrar-se aos artigos de fábrica, de oficina, de laboratório europeu, os mais finos fabricados por mãos cor-de-rosa de parisienses”.¹¹⁵

Outra característica da residência da Rua São Clemente é que apesar de Eduardo Palassin. Guinle ser um dos homens mais ricos do país, se comparada às grandes residências da Avenida Paulista, descobre-se um caráter menos presunçoso e declamatório, são sete os vãos na fachada de ingresso, mais intimista e familiar. A arquitetura, de explícita composição eclética francesa, acaba combinando elementos da renascença daquele país, com sobrevergas de modos barrocos e no térreo uma marcação sulcada, assim como nos cunhais, nitidamente oitocentista. Já o terraço descoberto descortina uma livre adaptação às condições climáticas da cidade ou inspirada mesmo em alguns exemplos românticos, que composto com o *porte-cochère*, dinamizam a volumetria deste setor da residência.

Eduardo Palassin, falecido em 1912 desfrutou pouco mais de uma década do palacete, cabendo à sua filha Celina, casada com Linneo de Paula Machado animá-lo com seus filhos e, a partir de 1940, hospedar em caráter permanente seu irmão, solteirão convicto, Guilherme, que ali morreu em 20 de maio de 1960. Guilherme Guinle foi, na primeira metade do novecentos, um dos homens mais importantes do país, com extensa folha de serviços públicos prestados ao Brasil, que combinou de maneira exemplar a figura do homem público e a do empresário privado, conforme já mencionamos acima.

Contemporaneamente às obras do palacete de Eduardo Palassin Guinle em Botafogo, seu filho mais velho Eduardo Guinle (1878-1941), entre 1909 e 1913 construiu para si, seguindo o exemplo do pai, um palacete nas Laranjeiras, em terreno sobrelevado por traz da Rua Gago Coutinho, próximo

¹¹⁵ Benzaquen, Ricardo, Guerra e Paz **Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freire nos anos 30**, Rio de Janeiro, Editora 34, 1994, págs. 137 e 138. A citação é de Gilberto Freire.

ao Largo do Machado. Ao contrário do pai, que havia percorrido a distância da Porto Alegre natal até o Rio de Janeiro e a longa jornada que o levou de simples contador ao lugar proeminente entre os maiores empresários do país, passando por diversas experiências profissionais, do balcão de retalhos da loja da Rua da Quitanda ao verdadeiro império comercial por ele consubstanciado junto ao amigo e sócio Cândido Gaffrée, Eduardo era um jovem inexperiente, um jovem herdeiro com trinta e quatro anos de idade quando da morte do pai, com trinta e um anos quando iniciou a construção de sua residência. A construção afinal entrou na ordem do desmesurado, da desproporção, do sem limites, algo semelhante ao palácio orsonwelliano do Cidadão Kane. Ou mesmo, associando-o à saga dos Buddenbrook de Thomas Mann, quando Thomas, o filho mais velho do patriarca Johann, resolve construir uma nova e grande casa:

Esforçadamente, Thomas se ocupou com esse projeto. Fez um cálculo aproximado dos custos, e embora a importância que fixara provisoriamente não fosse pequena, achou que podia gastá-la sem excessiva dificuldade. Apesar disso, empalidecia ao pensar que tudo isso, talvez, não passasse de travessura desnecessária.(...) Mas as necessidades semi-conscientes eram mais fortes, e no desejo de ver o projeto confirmado e justificado por outras pessoas, abriu-se primeiro à irmã.¹¹⁶

Ao que tudo indica Eduardo Guinle perdeu o controle e o senso de medida ao por em marcha o projeto e a construção do palacete, que duraria quatro anos, de 1909 a 1913. Gastou praticamente toda a herança auferida com a morte do pai, e não só, pois consta que recebeu de sua mãe, por conta da partilha futura dos bens disponíveis, consistente aporte financeiro para levar a obra a bom termo.¹¹⁷ Uma extraordinária extravagância que resultou por fim, verdade que ao custo de pesados dissabores pessoais e familiares, na anexação e concomitante constituição de um importante *lugar* público de memória da cidade. Lugar de memória estruturado sob três aspectos. Se levarmos em conta que o palacete até então privado tornou-se o Palácio das Laranjeiras,¹¹⁸ adquirido pela Administração

¹¹⁶ Mann, Thomas, **Os Buddenbrook**, Porto Alegre, Editora do Globo, 1942, trad. do alemão de Herbert Caro, pág. 365.

¹¹⁷ Torres, Mário Henrique Glicério, **Palácio das Laranjeiras**, Fotografia de Pedro Oswaldo Cruz, Governo do Estado do Rio de Janeiro/Banerj/Sobreart, 1982, Rio de Janeiro. Artigo de César Guinle, Eduardo Guinle um pioneiro, pág. 122.

¹¹⁸ *Ib.*,117. Edição comemorativa dos trabalhos de restauração do Palácio, realizados por iniciativa de Zoé Chagas Freitas, esposa do então governador do Estado do Rio, onde encontramos uma pormenorizada descrição do Palácio, inclusive dos objetos e obras de arte que pertenceram a Eduardo Guinle, comprados especialmente

Federal, que os jardins do Palácio foram abertos e franqueados à população, e que neste novo contexto urbano, os filhos de Eduardo Guinle, César e Eduardo Guinle Filho, construiriam a partir de 1948 um conjunto de edifícios residenciais que marcariam definitivamente o modernismo carioca, ficando o lugar definitivamente conhecido como Parque Guinle.

O palacete de Eduardo Guinle foi negociado com o Governo Federal em 1946, na presidência do Marechal Dutra, destinado, a princípio, como hospedaria de chefes de Estado visitantes ou hóspedes ilustres do governo. Foi usado como residência presidencial a partir do governo de Juscelino Kubitschek, (1955-1960) para finalmente em 1975, no momento da fusão dos Estados do Rio e da Guanabara ser transferido para o governo do Estado do Rio de Janeiro, sendo desde então o endereço oficial dos governadores do Estado. Em troca Eduardo Guinle recebeu da União cinco lotes na Esplanada do Castelo.

O portal original do palacete na Rua Gago Coutinho, inspirado em signos típicos da aristocracia monárquica francesa, resistindo como marco urbano do poder da burguesia capitalista do começo do novecentos estabelece relação com outro portal monumental da cidade, este autenticamente imperial, o do Palácio da Quinta da Boa Vista, hoje transformado em marco figurativo e teatral, ilhado e aparentemente distante, no anel viário em frente ao Palácio.

De inspiração francesa, o palacete projetado por Armando da Silva Telles, [F6] [F53] [F55] apesar de concebido em finais do regime eclético, o que pressupõe antes do rigor erudito uma heterodoxa combinação de étimos díspares conjugado à ‘mão pesada’ comum às obras deste período é, entretanto, mais leve e alongado do que a maioria dos exemplos residenciais da época. É aparentemente inspirado no Cassino de Monte Carlo, [F54] projetado por Charles Garnier em 1878, o mesmo arquiteto que poucos antes havia concebido uma das obras símbolo do ecletismo francês da segunda metade do oitocentos, a Ópera de Paris. Não esqueçamos que o Teatro Phenix, aqui já examinado, teve sua fachada principal baseada nesta obra. Poderíamos traduzir esta arquitetura de inspiração francesa, o Cassino, por exemplo, como resultado de procedimentos já da ordem de uma industrialização de modos, de uma *mecânica* comercial típica do tardo ecletismo, igualmente eufórica e mercantilizada. De fato, ao compararmos a fachada sul do palácio com a de ingresso do Cassino, fica evidente a semelhança mesmo tendo o palácio solução assimétrica. A proporção geral da composição, a cobertura em forma de pavilhão, os três óculos que se transformam em

[F53] Armando Silva Telles, Palacete de Eduardo Guinle, atualmente Palácio Laranjeiras, fachada sul, 1909-1913



[F54] Charles Garnier, Cassino de Monte Carlo, 1878-79

para adorná-lo e igualmente transferidos, junto com a compra do imóvel, à União.

estreitas, mas sobrecarregadas janelas de sótão, a torre e sua terminação, todos esses elementos confirmam a filiação do projeto, independente da diferença de escala. Também assimétrica é a longa fachada lateral ao parque, volumetricamente diferenciada em razão do recorte oblíquo que dá passagem e início à ala íntima do palácio.

Sobrecarregada a arquitetura com elementos decorativos, mesmo que de refinada execução, o resultado está na fronteira de uma ordem kitsch, pois, de tão ornamentados, os elementos arquitetônicos perdem significado e consistência ‘etimológica’. Entre o que há de pior estão as águias de bronze sobre as janelas do teto abobadado da fachada sul, que, a bem da verdade e zelando pelo nome do Silva Telles, não existiam no projeto original, injustificáveis e desproporcionadas, resultantes do mesmo gesto intempestivo que, de modo análogo, as colocou, semelhantes, na platibanda do Palácio do Catete. Bem como a de mármore, no ingresso principal, quase uma imagem de alegoria carnavalesca. Também os óculos sobrepostos às janelas reforçam o argumento da intrínseca gratuidade e aparente perda de nexos gramaticais dos artificios decorativos, agravado pelo fato de não estarem em função. Como no projeto estes elementos encontram-se desenhados nas elevações internas, é provável que tenha ocorrido modificação nas alturas, ou mesmo uma maior curvatura nas sancas dos tetos do 2º pavimento, impedindo os óculos de iluminarem os ambientes por eles assistidos.¹¹⁹

Planimetricamente o palacete se organiza em três corpos independentes e interligados, o social destacadamente representativo e autenticamente palaciano, a ala íntima servida por circulação avarandada, típica da arquitetura residencial da virada do século e o terceiro corpo com os serviços, estando os dois últimos paralelos entre si e articulados ao corpo social por engaste em forma de Y.¹²⁰

Os interiores em boa medida refletem as observações já anotadas no exterior. Notadamente o grande vestíbulo no térreo

¹¹⁹ Cópias das plantas originais do projeto de aprovação da residência de Eduardo Guinle, constando de duas plantas baixas, dois cortes e duas fachadas estão publicadas no livro **Palácio das Laranjeiras**, já mencionado na nota 117. As plantas não fazem menção à autoria do projeto, sendo qualificados o proprietário e o construtor, Armando Carlos da Silva Telles, a quem é tradicionalmente atribuído o projeto.

¹²⁰ *Ib.*, 34, pág. 31. Onde, Czajkowski observa:

“Na arquitetura residencial, hoje praticamente toda demolida, os espaços entre o jardim e o interior assumem importância vital. São comuns soluções onde a interligação entre diferentes partes da casa se faz através de galerias cobertas (como no palácio Laranjeiras, onde as três alas se unem por um grande jardim de inverno) e os cômodos abrem-se para as varandas que circundam as casas através de numerosas portas-janelas.”

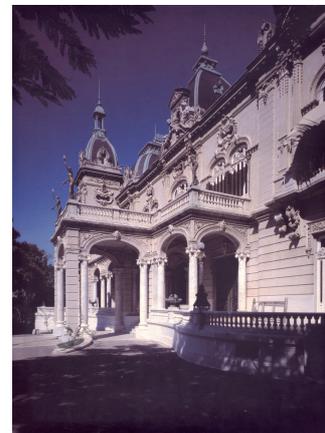
conjugado à escadaria *monumental*, apesar de calcado em exemplos históricos Luis XV, mais parece cenário de filme americano, ou seja, dá a impressão de *set*, de uma representação, o que adere à idéia do falso, essencial ao kitsch, em oposição aos referentes concretos da arquitetura. Sensação em boa parte dada pela impressão generalizada de cópia estilizada, pelo excesso diferenciado dos materiais nobres e principalmente pelo arranjo geral da escadaria de acesso ao 2º pavimento, no limite do mau gosto. A sala de jantar tem o teto vazado por sinuosa abertura que se comunica com a circulação do andar superior, protegida por guarda corpo de ferro, caracterizando-a como o espaço de maior interesse do palácio, apesar de certa ‘licenciosidade’. [F55] Outros ambientes como o salão de visitas, a pequena sala de refeições e o quarto dos filhos, este de sóbria unidade *Art Nouveau*, são de exemplar correção. Notamos também, fato comum ao palacete de Eduardo Palassin em Botafogo, que Silva Telles adotou no Laranjeiras o mesmo partido do terraço frontal acoplado ao *porte-cochère*, coroados por balaustrada, que domesticam de certo modo a residência.

Não é o objetivo desta análise pormenorizar o Palácio, antes, definir genericamente os procedimentos formais gerais. Sem dúvida o resultado que transparece de tanto labor é meritório, tanto na definição geral da arquitetura, como nos interiores, à parte as desigualdades da ornamentação externa, realizada basicamente em cimento branco, onde elementos de códigos ornamentais diferenciados são livremente combinados de maneira arbitrária. Apesar disso podemos concluir que a obra guarda sentido, unidade e coerência interna, comuns às arquiteturas de maior relevância. [F6] O Palácio visto a distância, dos jardins públicos do Parque ou mesmo na perspectiva dos edifícios de Lúcio Costa é impressionante, quer por suas dimensões e horizontalidade, quer pela tonalidade dos cinzas distribuídos entre a superfície planar das fachadas e a cobertura volumetricamente dissonante de ardósia, linearmente sublinhada pelos acabamentos de cobre, quer pelo belo arranjo paisagístico que o envolve, projetado originalmente pelo francês F. Cochet, caracterizado sobretudo pelo vazio atmosférico, que como valor negativo define o principal elemento do conjunto do Parque Guinle.

Assim sendo, o palacete construído por Eduardo Guinle se insere perfeitamente na definição dada por Carlos Lemos ao ecletismo em geral:

Estado de espírito. Sim, o *Ecletismo* teria surgido de um estado de espírito sempre olvidado pela maioria dos historiadores muito atentos às formas tangíveis, aos produtos finais, às expressões estilísticas. Esse ecletismo que assim vemos pressupõe coletividade imbuída de uma libertação romântica, que todas as vezes acaba traindo a Razão. O ecletismo é uma questão de afirmação

[F55] Sala de jantar do Palácio Laranjeiras



[F6] Fachada leste do Palácio Laranjeiras.

personalista de cada um na multidão. O ecletismo, então, seria a somatória das criações individuais, cada qual com sua explicação. Ecletismo é a linguagem eufórica da liberdade calcada na nova tecnologia. Só o ecletismo resolveria coerentemente os novos programas arquitetônicos. Várias frases assim soltas e algo desconexas nos ocorrem quando estamos agora a pensar com insistência nesse aspecto *psico-social* que concorre na definição daquilo que se convencionou chamar de *Ecletismo*.¹²¹

Deu-se o tombamento do Palácio Laranjeiras em janeiro de 1979, por obra da Secretaria de Estado e Cultura do Rio de Janeiro, a partir do parecer de Edgard Jacintho da Silva, que em parte concorda com Carlos Lemos, e que entre outras opiniões afirma que:

A concepção arquitetônica guarda enfaticamente uma coerência de moradia senhorial que, apesar de moldada numa idealização do clima parnasiano transposto para a arquitetura do denominado estilo eclético, ela é harmoniosa no seu efeito – apesar de alguns desmandos e da plethora de ornamentação; afinal o indivíduo arquitetônico trazia o compromisso de se impor como novo valor de status e de liderança na sociedade.

O interesse artístico que se lhe possa atribuir dentro do discutível estilo eclético da época decorre obviamente do consórcio paisagístico do sítio em que foi implantada a edificação, talvez com o propósito de amenizar algum excesso de pompa em confronto às simples edificações da época nas suas imediações.¹²²

É de todo modo reconhecível que a composição do Parque Guinle, ao combinar o Palácio *francês*, o esplêndido jardim circundante, com os três prédios modernos projetados por Lúcio Costa no final de 1940, somados ao também moderno *paredão* dos blocos dos Irmãos Roberto, obra já do início dos anos 50, todos reunidos na concha geográfica definida pela propriedade original de Eduardo Guinle, acabou por criar um valioso ambiente urbano, um dos conjuntos arquitetônico-urbanísticos de maior qualidade da cidade.

Importante assinalar que a construção do palacete foi acompanhado de diversos projetos complementares alguns realizados como a casa do chefe dos jardineiros, a residência dos empregados, a usina elétrica e casa de acumuladores — que tornavam a propriedade autônoma em energia elétrica, sendo a usina equipada com dois motores e dois geradores à óleo diesel — assim como a pérgula com 80 metros de comprimento, com colunata e balaustradas de mármore de Carrara, a estufa

¹²¹ Lemos, Carlos, o Ecletismo em São Paulo, in **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**, Nobel/Edusp, São Paulo, 1987.

¹²² *Ib.*, 117, pág. 191-192.

monumental de fabricação francesa, Schwartz Meurer, os mesmos serralheiros do portão monumental do Parque e das demais serralherias internas do Palácio, com 39 m de comprimento por 16,60m na maior largura. Entre os projetos não realizados, como o *Théâtre de Verdure* e a *Colonnade de Trillage Artistique*, devemos destacar dois outros, importantes não só para dimensionar o delírio que acometeu Eduardo Guinle depois do Palácio já construído como para entronizar a figura do arquiteto francês Joseph Gire, que ao que consta trabalhava nesta época em Buenos Aires. Através de dois desenhos de sua autoria, pertencentes ao acervo da biblioteca do Itamaraty e publicados no livro *Palácio das Laranjeiras* podemos identificar a diferença de procedimento projetual em relação ao Silva Telles, sublinhando as características tipicamente *Beux Arts*, no caso do projeto do pavilhão da piscina coberta, desenhado em 1918, e a extrema facilidade no manuseio e composição dos elementos da cultura arquitetônica francesa, no caso do desenho da fachada do projetado salão de festas, de 1924, que deveria ser construído entre as duas alas paralelas existentes do palacete. Na montagem assimétrica da fachada, que mantinha em parte as características do prédio existente, notadamente no tratamento das superfícies, o arquiteto lança mão do repertório medieval na torre cilíndrica semipronunciada, faz referência a diferentes matrizes históricas da renascença francesa, com liberdade e flagrância tipicamente românticas.¹²³

Será Joseph Gire, entronizado e logo dono da confiança dos filhos de Eduardo Palassin Guinle quem projetará, por volta de 1916, o grandioso hotel que Otávio Guinle construirá em Copacabana, [F4](#) o belo e imponente edifício residencial na Praia do Flamengo, nº116, esquina com a Rua Correia Dutra, [F56](#) para Arnaldo Guinle, no início dos anos vinte, também em estilo francês e novamente para Otávio a residência de veraneio na ilha de Brocoió, no fundo da Baía de Guanabara, no início dos anos de 1930. [F57](#)

¹²³ Ib., 117, págs 193 a 200.



F56 Joseph Gire, Edifício na
Praia do Flamengo, 116, c. 1923



F57 Joseph Gire, residência de
Otavio Guinle, Ilha de Brocoió,
Baía de Guanabara, c. 1930